



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 04

Faça você mesmo

Branca Vianna: Seja bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Dizem que um dos grandes marcos do desenvolvimento da civilização foi a especialização de mão de obra, né? O momento em que a humanidade entendeu que não dava certo todo mundo sair se virando, tentando fazer de tudo.

É melhor botar Fulano pra cuidar das pedras aqui; Sicrana vai cuidar da hortinha, que ela tem mais mão pra isso – e por aí vai. Dali foi só um pulo pras Pirâmides, pro homem na Lua, pro air fryer... mas cada um no seu quadrado.

Só que claro que tem uma gente que rema contra essa maré. Que insiste em dizer: "não, eu super consigo mexer nessa caixa de força, vou só dar uma olhada num tutorial do YouTube".

"Ah, esse negócio aqui, vou resolver com cola quente mesmo".

Dá pra pensar que nesses momentos, a gente tá jogando fora milhares de anos de sabedoria. Nesses momentos, os nossos ancestrais – que resolveram mandar a

Sicrana pra cuidar das plantas, e o Fulano pra cuidar das pedras lascadas – devem tá se revirando nos túmulos profundos deles.

Mas o episódio de hoje não é sobre os perigos do “faça você mesmo”.
Na verdade, é meio o contrário.

Cê vai ouvir duas histórias sobre o que às vezes pode acontecer de extraordinário quando não profissionais decidem pôr a mão na massa.

A primeira história quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Flora Thomson-DeVeaux: Quando a Marcella Virzi era criança, o pouco que ela sabia do pai do pai dela... era que ele tinha existido. Porque, né, pra gente tá aqui teve que ter uns quatro avós envolvidos. Então ela sabia que o avô paterno dela tinha existido. E... que ele tinha aprontado.

Marcella Virzi: Ele fez uma coisa meio Nelson Rodrigues, saiu para comprar cigarro e nunca mais voltou. Ele abandonou a minha avó, que se chamava Esther Bollini e era uma argentina. Abandonou, e ela ficou numa situação horrível. Uma mulher com dois filhos naquela época.

Flora Thomson-DeVeaux: Aquela época eram os anos 1920.

Marcella Virzi: Sozinha, sem o marido, foi difícil. E a gente sabe que ele foi para São Paulo e casou com uma mulher lá e começou uma nova família.

Flora Thomson-DeVeaux: Nisso, o pai, tio, e a vó da Marcella ficaram pra trás.

Marcella Virzi: Meu pai nunca tocava no assunto. Ele falava muito da mãe, mas não falava nunca do pai.

Flora Thomson-DeVeaux: O trauma foi tanto que a Marcella só soube dessa história em detalhes depois que o pai dela morreu.

Marcella Virzi: Meu pai se sentiu abandonado. Foi uma coisa horrível. Ele mais velho, isso minha mãe me conta. Ele foi a São Paulo para tentar falar com o pai, e o pai tratou ele super mal. Não era uma pessoa, não era uma pessoa muito bacana, não.

Flora Thomson-DeVeaux: Então, o avô paterno não era alguém por quem a Marcella se interessava muito. Até que...

Marcella Virzi: Um dia...

Flora Thomson-DeVeaux: Um dia, ali nos anos 90, ela foi almoçar.

Marcella Virzi: E aí eu fui num restaurante no Rio...

Flora Thomson-DeVeaux: O restaurante era num predinho no bairro da Glória, no Rio. Numa casinha do começo do século.

Marcella Virzi: E tô sentada e vejo no cardápio "picanha à Virzi".

Flora Thomson-DeVeaux: "Picanha à Virzi". Virzi. O sobrenome dela.

Marcella Virzi: ... E achei aquilo tão *sui generis*. Eu chamei o gerente, o gerente me falou: "Esse castelinho foi construído pelo arquiteto Antônio Virzi". E entrou numa sala, e me mostrou tudo o que ele tinha: de fotos, da construção, de fotos do meu avô. Foi a primeira vez que eu vi uma foto do meu avô. Foi nesse restaurante. Que era ali, naquele castelinho do lado do Hotel Glória. E aí foi a primeira vez, de fato, que eu vi, vi uma obra, percebi como, como era o trabalho dele, e vi uma foto dele pela primeira vez.

Flora Thomson-DeVeaux: A Marcella foi descobrindo que o Antonio Virzi – o avô que saiu pra comprar cigarro e nunca mais voltou – foi também um arquiteto muito peculiar.

Marcella Virzi: A gente fez várias pesquisas sobre— para tentar descobrir um pouco mais da vida dele. E a gente viu os quatro que são tombados pela... Como é que é? Patrimônio nacional... e vi uma... aquela fábrica de tônico, como é que era o nome?

Flora Thomson-DeVeaux: Elixir de Nogueira.

Marcella Virzi: Elixir de Nogueira.

Jingle: Sangue limpo! Sangue puro! Sangue forte! Elixir de Nogueira! O grande depurativo do sangue! Elixir de Nogueira!

Flora Thomson-DeVeaux: Se cê tá se perguntando o que é um "depurativo do sangue", cê não tá sozinho nessa. Acho que é meio parecido com esses negócios detox de hoje, sabe? Que dizem que vão tirar todos os venenos do corpo. O Elixir de Nogueira era um xarope botânico que supostamente servia pra tudo: espinha, ferida aberta, reumatismo, aquela tosse chata... mas sobretudo, era pra tratar sífilis.

No começo do século, a penicilina – que é o que a gente usa pra tratar sífilis hoje em dia – não tinha sido descoberta ainda. A sífilis era uma doença que afetava boa parte da população na época. E os efeitos degenerativos da doença são horríveis. Então tinha muita gente desesperada pra tentar qualquer coisa pra evitar isso. E o Elixir de Nogueira fazia o maior sucesso.

A empresa tinha nascido em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas o negócio tava indo tão bem que o dono ia abrir uma fábrica na capital do país – que naquela época, era o Rio. E o empresário não queria fazer um prédio industrial qualquer. Ele queria deixar um marco. E é aí que o Virzi entra nessa história.

Maria Helena Hermes: Ele tem gárgulas, que eu não sei se é fácil de explicar, que são saídas de água do telhado com animais fantásticos, né, no alto...

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a arquiteta Maria Helena Hermes. E ela tá descrevendo a fábrica do Elixir de Nogueira que o Antonio Virzi projetou no Rio, no bairro da Glória. As gárgulas são só o começo, porque tem muita coisa que chama a atenção nesse prédio.

Maria Helena Hermes: O prédio tem um movimento muito grande... É realmente pra impressionar quem passa ali.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o mais sinistro, com certeza, são as estátuas.

Maria Helena Hermes: Ele tem as figuras, imensas figuras junto ao passeio, junto à entrada do prédio. Essas figuras, a mim, me parecem figuras muito retorcidas, muito como se as figuras fossem pessoas sofrendo, sofredoras. Mas são sempre pessoas maiores do que as pessoas em tamanho natural.

Flora Thomson-DeVeaux: São corpos enormes, musculosos, quase explodindo da fachada do prédio. Tem uma figura gigante bem no meio, entre duas escadas de entrada, que é de uma mulher parecendo uma deusa romana com o braço levantado empunhando um estandarte. Ela deve ter fácil uns 7 metros de altura. Tem outra estátua de uma pessoa que aparentemente tá esmagando um tigre. E tem outras também, meio dobradas, contorcidas, mesmo.

Maria Helena Hermes: tem uns aqui, se não muito me engano, que eles parecem que estão querendo olhar para dentro do que são as portas de entrada. Eles estão voltados assim, com o rosto voltado para dentro. E é como se eles estivessem olhando alguém que tá entrando, como se eles quisessem entrar também. É bem interessante. Um tá acorado, outro tá em pé, o outro tá conversando com outra pessoa. São vários conjuntos escultóricos assim

que são bem, bem fortes na fachada. Talvez seja a fachada dele mais forte, seja essa.

Flora Thomson-DeVeaux: O prédio todo parece um sonho de febre, um delírio...

Maria Helena Hermes: ... e quem não ia comentar isso na cidade? Quem não ia, depois que essa obra ficou pronta, não ia querer saber do que se tratava?

Flora Thomson-DeVeaux: A Maria Helena estudou o trabalho do Antonio Virzi no doutorado dela. Ela tava mapeando a arquitetura italiana no Rio no começo do século.

Maria Helena Hermes: No Rio de Janeiro sempre se fala muito Belle Époque, Belle Époque, como se tudo fosse apenas a inspiração na arquitetura da França. Mas não... a Avenida Central, por exemplo...

Flora Thomson-DeVeaux: – a Avenida Central, que hoje chama Avenida Rio Branco –

Maria Helena Hermes: ... tem muito mais obras de arquitetos italianos lá do que de arquiteto francês.

Flora Thomson-DeVeaux: E entre esses arquitetos italianos, o Virzi se destacava.

Maria Helena Hermes: Dos que eu trabalhei, ele talvez fosse o mais arrojado e o mais contemporâneo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Antonio Virzi nasceu na Itália em 1882.

Maria Helena Hermes: ... ele nasceu na cidade de Palermo, na Sicília, quer dizer, não é nem mais na bota, já é na pedrinha que a bota tá chutando...

Flora Thomson-DeVeaux: E em algum momento, no começo do século 20, ele veio parar no Brasil. Sobre esses primeiros anos, é quase só isso que a gente sabe.

Maria Helena Hermes: A gente sabe o que ele declarou no currículo dele – coisa que eu não consegui confirmar nada, a não ser o fato de que ele de fato nasceu em Palermo, pai e mãe.

Flora Thomson-DeVeaux: Já já eu falo mais sobre isso. Mas o que importa por enquanto é que, quando Virzi chega no Brasil, ele tá trazendo na mala uma novidade.

Maria Helena Hermes: Ele tá fazendo uma coisa que aconteceu na Europa, que o movimento na Itália se chama *Liberty* – que corresponde ao *art nouveau* na França e que corresponde ao trabalho do Gaudí na Espanha.

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei se você tem na cabeça a imagem do que é a *art nouveau*, o *Liberty*, enfim. Foi um movimento que atingiu quase todas as artes plásticas num monte de países. Na arquitetura, eles usavam uns materiais modernos pra época, pra criar formas sinuosas, curvilíneas, pegando inspiração das formas da natureza. Uma coisa bem exuberante, orgânica. O movimento começou na Europa no final do século 19 – mas, nos anos 1910, ainda tava chegando na América Latina.

Maria Helena Hermes: Tem que lembrar que qualquer coisa que seja ligada à arquitetura, ela demora um pouco mais que as outras artes pra se concretizar, exatamente porque tem que ser concretizada, literalmente, né?

Flora Thomson-DeVeaux: É, fazer uma obra arrojada é bem mais complicado do que só pintar um quadro mais ousado – assim, em termos materiais, mesmo. Porque é muito mais caro. Então como é que o Virzi conseguiu?

Maria Helena Hermes: É, mal chegou aqui, ele casou né...

Flora Thomson-DeVeaux: E casou bem. O Antonio Virzi chegou no final de 1911. No começo de 1913, ele casou com a Lívia da Rocha Miranda. A noiva era neta de um comendador – ou seja: bem de vida. Nesse meio tempo, o Virzi foi contratado como professor da Escola Nacional de Belas Artes. E, ao longo dos anos seguintes, ele foi

chamado pra fazer um monte de casa pra elite carioca. Porque ele tinha um estilo diferente.

Maria Helena Hermes: Os, os arquitetos que seguiam mais, a corrente tradicional – que são linhas mais retas, janelas alinhadas umas em cima das outras num prédio... uma organização sempre muito simétrica. Coisa que o Virzi foge dessa simetria, tá? Ele não bota uma janela embaixo da outra na sua fachada inteira. Ele tem uma forma diferente de trabalhar a apresentação do prédio pra rua. Então, com isso, o que é que ele consegue, na época? Destacar o proprietário daquele prédio.

Flora Thomson-DeVeaux: Era um símbolo de status ter uma casa diferente da do Virzi. Nesses anos 1910, ele fez palacetes em tudo quanto era bairro rico no Rio. Uma mansão à beira-mar em Copacabana, uma casa em Botafogo, o Palácio Martinelli, no Flamengo...

Maria Helena Hermes: ... e era uma arquitetura completamente diferente disso que está aí, embora diferente de tudo, parecia aquele castelinho que a gente faz com a areia da praia.

Flora Thomson-DeVeaux: E não era só casa. Ele deu um look diferente para uns 4 cinemas, construiu outra fábrica também. Ele chegou a ser cotado pra fazer o Teatro Municipal de Salvador, mas acabou não rolando.

Mas aí eu tô mostrando um lado da moeda. Ao mesmo tempo em que o Virzi ia fazendo palacetes, ele também começou a acumular tretas. Por exemplo, lá na Escola Nacional de Belas Artes.

Maria Helena Hermes: Ele era um professor que exigia desenho, e fazia os alunos ficarem copiando as coisas – como ele deve ter aprendido lá nos cursos de desenho. Então, então ele botou uma turma inteira copiando ornatos o período inteiro, e os alunos se revoltaram contra ele. E pediram a saída dele.

Flora Thomson-DeVeaux: Os alunos chegaram a reclamar que eles não tinham aprendido nada naquele período. Eles até duvidaram se ele mesmo tinha formação de arquiteto – ou se era só desenhista. Mas o Virzi não deixou barato. Ele escreveu pro diretor da escola dizendo que os alunos demonstravam, entre aspas, “inepta incompetência e completa ignorância” – o que é, no mínimo, um xingamento bem redondinho. E não parou por aí. O Virzi dobrou a aposta. Ele disse que quem quisesse podia aparecer na aula dele, pra ver quem é que tava falando a verdade. Bancou, né? Só que, pelo que consta, o Virzi nunca mais pisou na escola depois disso.

Maria Helena Hermes: Muito a cara dele. É muito a cara dele. Ele era um homem de polêmicas. Mas não parecia ser uma pessoa de trato fácil.

Flora Thomson-DeVeaux: Não parecia mesmo. O Virzi acabou exonerado da escola. Mas a carreira dele continuava a todo vapor. Quem não gostava do Virzi, odiava. Mas quem gostava, gostava mesmo. E era o caso da família do dono do Elixir de Nogueira. Que, além de chamar o Virzi pra fazer a fábrica do elixir, contratou ele pra fazer uma casa pra família dele. Era ali perto, no mesmo bairro da Glória. Ele botou o nome de “Villino Silveira”.

Foi esse castelinho, o Villino Silveira, que depois virou um restaurante – onde, um dia, a Marcella Virzi conheceu o trabalho do avô dela. Depois o restaurante fechou, e o prédio tá aparentemente às moscas faz um tempo. É uma casinha amarela espremida entre o antigo prédio da Manchete e um prédio residencial. Parece que o castelinho caiu do céu e encaixou ali, como se fosse um jogo de téttris.

E não é qualquer castelinho, também. O lance do Virzi era a assimetria. E isso acaba deixa a gente meio desconcertada quando olha. Tem colunas onde parece que não deveria ter, tem uns recuos estranhos, varandas que brotam meio do nada. Assim, nada tá errado. É bonito. Mas é esquisito.

Maria Helena Hermes: O Villino Silveira é um terreno razoavelmente estreito e ele tem uma planta enorme. E a planta dele é toda perpendicular em relação à

fachada, a rua. Ele aproveitou de uma forma maravilhosa, o melhor que ele podia pra aproveitar daquele terreno.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra Maria Helena Hermes, parte da estranheza vem da tentativa do Virzi de aproveitar ao máximo um terreninho pequeno. Mas tem uma coisa sobre essa casa que não é só uma questão estética – uma questão de gosto, ou estilo, ou de uso do terreno. E é uma coisa que me deixa meio arrepiada toda vez que eu passo ali na frente: é o fato de que ela não devia tá ali. Porque num dia, mais de um século atrás, aquela casa caiu.

Foi na tarde do dia 28 de abril de 1915. O castelinho Villino Silveira tava em construção ainda – tinha uns vinte operários trabalhando na obra. Deu cinco da tarde, tava todo mundo indo embora... e de repente pareceu que tinha tido um terremoto hiperlocalizado, só no número 170 da Rua do Russel. Parte da casa deslizou pra frente e desabou pra cima da rua, cobrindo os trilhos do bonde. Os jornais falaram – provavelmente com uma pitada de exagero – que o bairro inteiro estremeceu. Mas fato é que foi um desabamento terrível. Pelo menos quatro pessoas morreram soterradas.

Como o Virzi tava sempre por lá, fiscalizando a obra, chegaram até a procurar o corpo dele nos escombros. Mas depois de algumas horas, ele se apresentou na delegacia pra prestar esclarecimentos. Ele disse que não tinha a menor ideia do que tinha acontecido. E, na verdade, até hoje a gente não sabe muito bem o que rolou.

Maria Helena Hermes: Como é que eu vou te dizer... desabamento é uma coisa comum? Não, não é uma coisa comum. Mas talvez fosse uma coisa muito experimental. Eu não sei. Não sei te dizer o porquê.

Flora Thomson-DeVeaux: O Virzi chegou a ser considerado culpado pelo desabamento, num relatório que saiu alguns meses depois. Mas ele não foi pra prisão. E ele não só não assumia a culpa, como queria refazer a casa pra provar que aquilo tinha sido uma fatalidade. Provar que a culpa não era do projeto dele.

Eu não tenho ideia do que passou na cabeça do dono do Villino Silveira – ou o dono das ruínas do Villino Silveira. Mas o que a gente sabe é que ele deixou o Virzi ir em frente. Em janeiro de 1916, menos de um ano depois do desastre, a casa tava de pé de novo. E tá de pé até hoje.

Maria Helena Hermes: Então, acidentes acontecem em obras, né, sempre acontecem. Não gostaria de admitir assim, sem muitas provas, que teria sido erro de projeto, não. Porque a planta do Villino Silveira é espetacular. É muito, muito, muito bonita...

Flora Thomson-DeVeaux: O dono do Villino Silveira confiou no Virzi. E ele conseguiu refazer a obra. Mas o desabamento daquela casa parece que marcou um ponto de inflexão na trajetória do Virzi. Junto com a poeira que subiu depois da queda, começaram a pairar no ar muitas suspeitas sobre o arquiteto. Será que esse cara era arquiteto mesmo? De onde tiraram que ele tinha formação pra ser professor? Será que ele não passava de um desenhista que tinha sido promovido a arquiteto só porque ele era um italiano que casou bem?

Lembra que a Maria Helena, na pesquisa dela, tinha dificuldade pra checar o que tava no currículo dele?

Maria Helena Hermes: ... que não se sabe nem se formado, ele foi, né, de fato...

Flora Thomson-DeVeaux: Ela pegou o currículo do Virzi, que tá arquivado lá na Escola Nacional de Belas Artes, e tentou ir ponto por ponto.

Maria Helena Hermes: Ele alega ter dado aula em algum local que eu também não consegui confirmar.

Flora Thomson-DeVeaux: Assim, a gente sabe o estado dos arquivos mundo afora. Quando um lugar não consegue confirmar se alguém estudou lá ou não, isso não significa que a pessoa não estudou. Só significa que não conseguem achar. Mas era assim com tudo do Virzi.

Maria Helena Hermes: Ele, inclusive, não figura no livro, um livro que eu pesquisei, que foram *Os Arquitetos da Sicília*, livro só de arquitetura da Sicília. Ele não consta, não existe lá.

Flora Thomson-DeVeaux: Ele não tava no livro dos arquitetos. Ele não tava no rol dos formandos. A Maria Helena começou a olhar torto praquela currículo dele.

Maria Helena Hermes: Eu o admiro como profissional, mas não acredito em nada do que ele falou. Mesmo em Palermo, quando eu falei, as pessoas "ahh, ma como?" uma coisa assim, "pô, tutti buona gente, mas não...", né?

Flora Thomson-DeVeaux: A única coisa que ela conseguiu confirmar que ele fez lá foi um pavilhão temporário do qual não sobrou nem um desenho.

Maria Helena Hermes: Acho que não deu nem tempo para ele fazer uma coisa que fosse uma faculdade desde que ele saiu do Sul até chegar no Norte. Na verdade eu acho que ele não fez nada, não conseguiu fazer nada lá. Se fez, fez uma exposição, enfim, efêmero, e acaba.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra Maria Helena, menos que o diploma, o que importa é o que ele fez aqui no Brasil. E, segundo ela, dá pra ver que ele sabia o que ele tava fazendo.

Maria Helena Hermes: Eu acho que a fábrica do Elixir de Nogueira é quase que, assim, um atestado de que ele sabia projetar. Porque é um prédio que tem dois, dois subsolos na beira mar. Daquele tamanho todo, e quatro pavimentos mais telhado, um prédio bastante complexo...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas nem a complexidade, nem a assimetria, nem a ousadia italiana iam ser suficientes pra manter a carreira do Virzi de pé. Em 1917, um ano depois de erguer o Villino Silveira de novo, ele declarou falência.

Marcella Virzi: Como ele foi muito mau pro meu pai, eu acho que a gente tomou um certo horror a ele. Só fui me investigar ele mesmo, eu já tinha 40 anos, 40 e poucos anos.

Flora Thomson-DeVeaux: Aqui, de novo, a Marcella Virzi. Ela começou a investigar a vida do avô por um motivo bem comum – a busca pela cidadania europeia.

Marcella Virzi: ... durante esse processo da procura da história dele, tal, para tentar comprovar de que a gente era descendente de um italiano por causa do passaporte. A gente chegou à conclusão que ele aprontou alguma com essa Livia. Que o pai meio que coloca ele para fora do Rio de Janeiro e o proíbe de trabalhar de alguma forma com algum tipo de ameaça, porque realmente ele, ele deve ter aprontado alguma.

Flora Thomson-DeVeaux: Livia é a mulher do Virzi, né. Livia da Rocha Miranda, neta do comendador. E, se você tem um ouvido muito atento aos detalhes, talvez cê tenha gravado que o nome da vó da Marcella era outro. Era Esther. Então, sim, Virzi aprontou alguma. Aprontou várias, na verdade.

Ele tinha se casado com a Livia em 1913. Eles tiveram um filho que nasceu em 14. E aí, ao longo dos anos 20, o Virzi teve mais dois filhos... só que com a Esther.

Marcella Virzi: Provavelmente ele não casou de fato com a minha avó.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas os filhos deles foram registrados com o sobrenome Virzi, a Esther saía no jornal como “Sra. Virzi”..... e tudo isso antes de existir divórcio no Brasil, e com a outra Sra. Virzi vivinha da silva.

Não sei como ele bancava isso. Mas – fosse pelo ódio que os Rocha Miranda devem ter ficado dele, fosse pela crise econômica que estourou no final da década de 20 – as obras do Virzi no Rio foram ficando cada vez mais raras. E, depois de um tempo, ele sumiu da cidade. Deixando vários prédios e duas senhoras Virzi pra trás.

Marcella Virzi: Ele teve uma vida bastante exótica, pra dizer no mínimo, né?
Mas ele era o famoso cafajeste. Largava a mulher como quem troca de roupa.

Flora Thomson-DeVeaux: Em 1945, um jornal carioca publicou uma carta de alguém à procura de Antonio Virzi. Era uma moça chamada Filomena, que dizia ser filha dele. Na verdade, ela já nem era tão moça assim – porque ele tinha deixado ela, o irmão, e a mãe lá na Itália mais de 30 anos antes.

Maria Helena Hermes: Provável que tenha realmente largado para trás e ter seguido o rumo dele, o caminho dele, sem se preocupar muito com os outros, né?

Flora Thomson-DeVeaux: De novo, a Maria Helena Hermes.

Maria Helena Hermes: Parece que ele não se preocupava muito, né, muito nem com os alunos, nem com os colegas de trabalho. E talvez só se preocupasse mesmo com a arte dele, com a arquitetura dele.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando aquela carta foi publicada, o Virzi não era visto no Rio fazia tempos. Logo depois, a Lívia – a segunda Sra. Virzi, ou a primeira Sra. Virzi brasileira – morreu. E aí o Virzi casou de novo – não com a Esther, mas com uma mulher bem mais nova, em São Paulo. E viveu com ela até a morte dele, em 54.

Marcella Virzi: Ele foi para São Paulo e começou uma nova família lá, foi. Agora, o que ele fazia profissionalmente em São Paulo, para mim é uma incógnita, não sei. Mas eu sei que não tem mais nenhuma obra dele em São Paulo. Não existe nenhuma.

Felipe Virzi: Depois que essa Lívia morreu, essa Lívia faleceu, ele foi pra São Paulo. Foi onde ele conheceu a avó da minha mãe, né? Minha bisavó.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Felipe Virzi. Ele bisneto do Virzi, descendente daquele último casamento, com uma mulher chamada Virgínia.

Felipe Virzi: Eu moro no Rio há alguns anos, mas eu sou paulista. Eu vim para o Rio para fazer faculdade de arquitetura, né?

Flora Thomson-DeVeaux: O Felipe se formou agora há pouco na faculdade e tá começando na carreira de arquiteto. Então eu aproveitei pra perguntar pra ele que que ele achava do fato de que o bisavô dele muito provavelmente não teve essa mesma formação.

Felipe Virzi: Então, eu acho que... eu até discuto isso muito com pessoas ao meu redor. Sobre o profissional que não é um profissional com um diploma, mas é um ótimo profissional, né? Ou é um profissional que é capaz de exercer aquilo que ele se compromete a exercer...

Flora Thomson-DeVeaux: Isso aqui não é pra ser um elogio à falta de formação, tá? Mas dá pra pensar que às vezes alguma coisa – seja a formatação que te dão na universidade, sejam as demandas do mercado, seja uma falta de ousadia, mesmo – não sei. Alguma coisa acaba deixando as construções numa mesmice só.

Felipe Virzi: Por exemplo, hoje a gente vê como profissional. Eu vejo que todos os prédios são iguais. Você pode olhar um prédio no Recreio que está lançando agora, e um prédio na Barra da Tijuca que tá lançando agora, um prédio na Taquara que está lançando agora, e um prédio no Méier que está lançando agora, e todos vão ser muito parecidos... Muitas vezes falta criatividade, né? Cê vê os prédios hoje em dia falta criatividade. Você vê que o mesmo prédio, a mesma planta, é a mesma coisa.

Flora Thomson-DeVeaux: E, se tem uma coisa que dá pra dizer sobre o Virzi, é que os prédios dele definitivamente não são a mesma coisa. A fábrica do Elixir tem uma vibe gótica modernosa. O Villino Silveira é um mini-castelo cheio de recortes peculiares. Depois ele fez uma casa em Copacabana que o povo chamava de “Casa Sem Janelas”. Não é que não tinha janelas – mas a construção é feita de um jeito pra iluminação ser toda indireta, de cima, em ângulos inesperados.

Maria Helena Hermes: A casa Villiot, para mim, é o início do *art déco*. Que era uma casa toda projetada para não ser vista— não ter nenhuma invasão de privacidade. Por quê? Não se sabe.

Flora Thomson-DeVeaux: Naquele mesmo ano, ele fez uma casa em Niterói que é conhecida popularmente como “Casa da Quina”. Eu sugiro fortemente que você dê um Google, porque ela é muito estranha.

Maria Helena Hermes: E é um desenho do Escher. Nada mais, nada menos. Então ele era um cara bastante inovador, muito novo, um arquiteto muito... como eu vou dizer assim, muito importante. Ele merecia ter um destaque muito maior no que ele fez aqui na nossa cidade. Que não é que não aconteceu. Infelizmente não aconteceu.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de uma carreira meio meteórica, a estrela do Virzi se apagou bem rápido. E nem as obras dele no Rio tiveram uma vida muito longa. O palacete à beira-mar em Copacabana, que parecia uma máquina de escrever... a mansão dos Martinelli, que parecia um castelinho de areia... um por um, os projetos dele foram sendo derrubados.

Em 1966, a Fábrica do Elixir de Nogueira — aquela com as estátuas maravilhosas — foi tombada. Só que, em 1969, ela foi destombada... E, em 1970, ela foi tombada, só que em outro sentido. Ela foi derrubada, mesmo. Eu achei uma matéria no Correio da Manhã em que entrevistaram um dos operários que tavam demolindo o prédio — e ele falou uma frase que tá ecoando na minha cabeça até agora: “Patrimônio nada, meu caso é marreta nas bonecas”.

"Marreta nas bonecas".

As bonecas, no caso, eram as estátuas.

Mas eu não consigo não pensar que “marreta nas bonecas” resume tanta coisa da relação do Brasil com o patrimônio — seja prédio, papelada, rolo de filme, fita de áudio... Patrimônio nada, marreta nas bonecas!

Um dia eu tomei coragem pra passar em frente ao prédio que tomou o lugar da fábrica. Eu já tinha passado ali na frente mil vezes, mas o prédio nunca tinha me chamado a atenção. E nem podia, porque era um desses prédios bem "mais do mesmo", residencial, retinho, com portão de garagem... parece que foi feito sob medida pra não chamar a atenção de ninguém. Eu não consegui me segurar. Xinguei muito. "Filhos da puta! Como assim? Botaram esse prédio abaixo!"

Um vendedor ambulante que tava ali do lado se assustou com a minha reação. Ele veio me dizer que tinha algum engano, que ele tava naquele ponto há muitos anos, e que aquele prédio sempre teve ali. Aí eu puxei o celular pra mostrar pra ele uma foto da fábrica do Elixir... e ele se juntou a mim na indignação. Ele falou assim: "Nossa, a senhora tem toda razão. Imagina botar abaixo uma obra de arte dessas, só pra gente morar." E aí eu fiquei meio constrangida...

É porque é isso, né? Eu não quero bancar a saudosista aqui dizendo que não pode nunca derrubar nenhum prédio antigo. Eu sei que a gente tem que abrir espaço pra novos estilos, e que o planejamento urbano precisa ter alguma flexibilidade. Mas não é possível que tenha que ser ou 8 ou 80. Tem que ter um meio termo. Eu perguntei sobre isso pra Maria Helena Hermes.

Maria Helena Hermes: Hoje em dia eu fico até feliz aqui no Rio, a história de fazer um retrofit dos prédios mais antigos que está acontecendo agora em termos de adaptar e manter as relações de volumetria, fachadas e tal.

Flora Thomson-DeVeaux: Quer dizer: uma das formas que esse meio-termo pode tomar é o tal do retrofit – que até parece nome de academia de ginástica, mas é essa ideia de pegar um prédio velho que tenha interesse arquitetônico, preservar o esqueleto e reformar o interior. Pra gente morar, ou pra gente fazer *coworking*, ou o que for – mas sem destruir o antigo.

Maria Helena Hermes: Eu acho que é um ponto positivo na nossa curva, porque isso se faz há tanto tempo na Europa e aqui só despertaram para fazer isso agora...

Flora Thomson-DeVeaux: Alguns prédios podem ser salvos nessa nova onda. Mas a maior parte dos do Virzi já ficou pelo caminho.

Maria Helena Hermes:... foram simplesmente jogados abaixo para morar gente em um prédio. "Morar gente", tudo bem, mas num prédio horroroso. Então não dá, né? Não dá. A gente... A gente parte da linha, mas a gente tem um senso estético, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Até quem era de outra escola totalmente diferente reconhecia o valor estético das obras do Virzi. O Lúcio Costa – um dos papas da arquitetura modernista, o autor do plano-piloto de Brasília – chegou a chamar os projetos do Virzi de "fogos de artifício à luz do dia". E ele apoiou o pedido de tombamento do Villino Silveira, a casinha amarela que caiu lá em 1915 e foi reerguida.

Muita coisa foi perdida ou caiu aos pedaços nesse século que passou, né?

Mas eu tenho uma suspeita de que o que o Virzi foi em vida deve ter contribuído pra derrocada do legado dele.

Maria Helena Hermes: Ele devia ter um temperamento meio magnético também. Enfim, a gente fica fazendo suposições, né, sobre – a partir do que a gente conhece, do que – como que ele era. Mas às vezes era só fachada, né? "Às vezes era só fachada" é péssimo, né? A arquiteta aqui falando "ele é só fachada", como se pudesse ser... a planta baixa era diferente, não só a fachada. Mas serve a comparação, no final das contas, até serve.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma das coisas que eu queria mostrar pra Maria Helena na nossa conversa era um clipe de um filme de 1968. O nome é "O homem que comprou o mundo". Não tem rigorosamente nada a ver com o Virzi. É um filme meio

doidinho, tipo uma versão nonsense de *Terra em transe* – que, curiosamente, foi dirigido por um jovem Eduardo Coutinho.

Flora Thomson-DeVeaux: Está aparecendo aí, tá?

Maria Helena Hermes: Tá.

Ambiência do filme *O homem que comprou o mundo*

Flora Thomson-DeVeaux: No final do filme, tem essa cena aqui. Dois personagens descem de um carro em frente a um prédio e ficam só olhando. No filme, o prédio é a sede de uma organização misteriosa. E quem faz o papel dessa sede no filme é a Fábrica do Elixir de Nogueira.

Maria Helena Hermes: Nossa, que fantástico isso! Que legal!

Flora Thomson-DeVeaux: A câmera vai passeando pelo exterior. Tem estátuas fantásticas, enormes. Gárgulas. Figuras retorcidas. Um dos atores é o Flávio Migliaccio, e ele fica ali, boquiaberto, durante uns 30 segundos.

O Antônio Virzi podia ser só fachada. Mas que fachada, meus senhores.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora aqui da Novelo.

Nessa segunda parte do episódio, você vai ouvir a história de uma descoberta revolucionária que foi feita aqui no Brasil por gente que tava só tentando resolver um problema. Quem conta é a produtora Natália Silva.

ATO 2

Natália Silva: Eu só sei da história da Joana porque eu tava lá na primeira vez em que ela contou pra alguém.

Joana: E, para mim, foi um alívio, porque estava aquele negócio guardado há muito tempo. Naquele dia, falei assim: "É hoje, hoje vai sair, porque eu não posso morrer com isso".

Natália Silva: Isso aconteceu em 2019, numa época em que eu era voluntária de um projeto que a Joana participava. Joana, aliás, não é o nome verdadeiro dela. Porque, até hoje, ninguém próximo a ela sabe dessa história. Nem a família, nem os amigos... ninguém.

Joana: Não... meu marido, hoje, nunca soube dessa história. Minha filha não sabe.

Natália Silva: As únicas pessoas que sabem que essa história é dela são aquelas que tavam lá comigo naquele dia. Umas 20 pessoas, no máximo, sentadas num círculo, numa sala de aula, num debate sobre aborto. O clima tava meio tenso. Não é um assunto fácil.

Uma mulher levantou a mão pra dizer que era contra. A discussão era sobre a legalização do aborto no Brasil. Ela disse que era contra, porque ela tinha engravidado jovem e se ferrado muito pra cuidar do filho – mas ela conseguiu. E, se ela conseguiu, qualquer pessoa ia conseguir. Ela falou, falou, falou... e a gente ouviu. Aí, a Joana, que tava do outro lado do círculo, levantou a mão e disse: "Eu fiz um aborto".

Eu confesso que eu fiquei meio chocada, porque a Joana era quieta. Ela é daquele tipo de pessoa que numa conversa mais ouve do que fala – mas que tá sempre prestando muita atenção em tudo. Sabe? Só que aí, nesse dia, ela decidiu falar: "Eu fiz um aborto". E começou a contar a história dela.

Joana: Ih, é difícil falar sobre a gente, né? Vamos lá.

Natália Silva: Eu pedi pra ela contar a história de novo. E ela topou. A Joana tinha 19 anos.

Joana: Eu até lembro a data.

Natália Silva: Era 1988.

Joana: 88, é.

Natália Silva: A Joana tinha acabado de engravidar do primeiro namorado dela, e ela tava desesperada.

Joana: Eu sei que eu ficava esmurrando a minha barriga. Apertando com o cinto.

Natália Silva: Ela sabia o quanto era difícil criar um filho. E não queria isso de jeito nenhum. Não naquele momento da vida dela.

Joana: Não tenho casa, a gente mora de favor na casa da patroa da minha mãe. Como é que eu... com uma criança, isso não vai dar certo, e aquele negócio na minha cabeça, né, e assim, vou passar aperto... eu falei assim, meu Deus, que que eu... que que eu vou fazer, né?

Natália Silva: Que que eu vou fazer? Essa é uma pergunta que muitas mulheres faziam, fazem quando ficam grávidas sem querer. Abortar? Tá bom, mas como?

Sonia Corrêa: Havia basicamente três recursos pro aborto clandestino.

Natália Silva: A Sonia Corrêa viveu essa época dos anos 80, quando a Joana tava desesperada. A Sonia é acadêmica, feminista e passou a vida pesquisando questões ligadas a gênero. Ela disse que a Joana tinha três caminhos para seguir.

Sonia Corrêa: Um deles era justamente ir à farmácia pedir medicamentos que fizessem a menstruação descer, né?

Natália Silva: "Medicamentos que fizessem a menstruação descer". Era esse o código.

Sonia Corrêa: E que os farmacêuticos, que eu me lembro, dos anos 70, né, que foi quando eu comecei a prestar atenção nisso, eles, em geral, ofereciam como alternativa hormônios. Hormônios injetáveis.

Natália Silva: A Joana podia tomar uma quantidade cavalariça de hormônios e, quem sabe, abortar. Não era garantido.

Sonia Corrêa: Acho que algumas farmácias ofereciam também medicamentos mais pesados, considerados tóxicos, e que a toxicidade podia provocar um aborto...

Natália Silva: "Medicamentos mais pesados. Tóxicos". Arriscado, né? Esse era o caminho número 1.

Sonia Corrêa: O outro canal eram as ervas.

Natália Silva: A Joana podia apelar pra ervas supostamente abortivas – tomar um chá, algo assim... e esperar. Zero garantia de que ia funcionar também.

Sonia Corrêa: A terceira via eram... eram os abortos em clínicas, ou as chamadas... À época, né, bem entre aspas, já que ninguém me vendo aqui, entre aspas as chamadas "aborteiras".

Natália Silva: Que faziam uma coisa bem perigosa...

Sonia Corrêa: Que era a introdução de substâncias ou a introdução de objetos no colo do útero, em geral sondas. Mas em alguns casos também talos de plantas, né?

Natália Silva: Esses três eram os caminhos eram que as mulheres pobres tinham, né?

Sonia Corrêa: Porque mulheres de classe média, não todas, mas... sempre puderam recorrer a médicos ginecologistas que realizavam abortos com maior segurança.

Natália Silva: A Joana não era de classe média, então as opções dela eram só 3 mesmo. Caminho 1, farmácia. Caminho 2, ervas. Caminho 3, "aborteiras" – entre aspas. Ela escolheu o caminho número 1.

Joana: Nossa, eu não tinha ideia do que eu teria que fazer se não tivesse esse... esse remédio.

Natália Silva: Um remédio. Foi um remédio que mudou a história da Joana em 1988. Um remédio e um pouco de sorte, porque se ela tivesse ido até a farmácia uns anos antes ou uns anos depois disso, o desfecho teria sido outro.

E eu quero te contar a história inteira desse remédio. Passando pela criação, chegando nas prateleiras da farmácia e caindo nas mãos da Joana.

E eu vou te contar essa história porque eu acho que o jeito como esse remédio ficou marcado aqui no Brasil, a fama dele, é injusta. O tabu do aborto ofuscou uma coisa muito importante nessa história.

Vamo lá. Ela começa em Nova Iorque, em 1930, com um ginecologista chamado Raphael Kurzrok. Ele tava tentando ajudar mulheres a engravidar com inseminação artificial. Irônico, né, quando a gente já sabe o final da história.

O Kurzrok não tava tendo muito sucesso. Tá ali uma mulher que quer engravidar, deitada na mesa do consultório dele. Ele bota o sêmen dentro do útero com uma seringa... e o útero cospe o sêmen pra fora. O útero, que é um músculo, tava contraindo, e expulsando o que tava ali dentro. Vendo esse vai-não-vai acontecer várias vezes, ele ficou intrigado – "o que que aquele sêmen tava fazendo de errado pra ser expulso?" Quer dizer, literalmente: "que porra é essa?" Desculpa, não resisti.

Bom, daí o Kurzrok se juntou com outro cara, o Charles Lieb – que era farmacêutico – pra tentar descobrir o que tava acontecendo. No estudo que eles publicaram, eles argumentaram que existiam dois tipos de sêmen: os "estimulantes" e os "depressivos". O mesmo se aplica pros donos do sêmen. Brincadeira, parei. Mas o que eles descobriram foi que um tipo de sêmen provocava contração e o outro, relaxamento. Por quê? Isso eles não sabiam.

Lá na Suécia, um outro cara, chamado Ulf von Euler, também tava investigando as propriedades do sêmen humano. E ele ficou sabendo do estudo do Kurzrok e do Lieb. Num primeiro momento, ele ficou meio bravo, porque sacou que o objeto de estudo dele não era tão inovador assim... e ele quase largou a pesquisa pra trás. Homens.

Mas o Euler desistiu de desistir, comparou os resultados dele com o dos outros dois, e descobriu que esse efeito de "contrair o útero" e "expulsar o que tá lá dentro" acontecia por obra de uma substância presente no sêmen, em quantidades que variavam de pessoa pra pessoa. Era uma substância que nunca tinha sido estudada antes. Em 1937, essa substância ganhou um nome: prostaglandina. Prostaglandina é o nome da "família" do nosso remédio-herói – na história da Joana.

Bom, 1937 tá muito perto de 1939, que foi o ano em que começou a Segunda Guerra Mundial. Num tinha muito clima pra ficar estudando... e a substância ficou meio esquecida. Úteros continuavam contraindo e relaxando mundo afora, mas ninguém tava ligando muito pra isso.

Aí, nos anos 60, um bom tempo depois, os cientistas voltaram a olhar pra essa substância, e descobriram que não era só no útero que ela podia agir. Que várias células do corpo produzem a mesma substância, e que ela afeta o funcionamento do nosso corpo de várias formas diferentes. Justamente por causa dessa versatilidade, as prostaglandinas podiam ser um super trunfo pra indústria farmacêutica. Só faltava descobrir o jeito certo de usar. Os cientistas começaram a fazer testes, mas tinham muitos efeitos colaterais. Eles davam o remédio pra uma coisa e ele mexia em outra. Mas eles continuaram tentando.

Em 1973, os cientistas de um laboratório chamado G. D. Searle estavam atrás de um tratamento para a úlcera e decidiram que iam testar a prostaglandina. E eles conseguiram sintetizar uma prostaglandina específica: o misoprostol. Depois de anos de testes e ajustes, essa substância virou um remédio. O misoprostol chegou nas farmácias com o nome de Cytotec. Era junho de 1986.

Cristião Rosas: E foi assim que eu conheci o Cytotec, tratando gastrites e úlceras, problemas gástricos das pacientes.

Natália Silva: O Cristião Rosas já era médico ginecologista nessa época em que o Cytotec chegou no Brasil.

Cristião Rosas: Eu me formei em 79. Eu tenho 40 e... vou para 43 anos de formado.

Natália Silva: Só que tinha um detalhe sobre o Cytotec.

Cristião Rosas: ... que a própria bula dizia que não era recomendado, na época, para uso em grávidas por conta que podia causar abortamento, prematuridade.

Natália Silva: Lembra do começo dessa história, em 1930? O tipo de substância do Cytotec, a prostaglandina, provoca contrações no útero.

Cristião Rosas: Então a gente não usava em mulheres grávidas de jeito nenhum porque sabia que o remédio poderia trazer transtornos pro evoluir da gravidez, né?

Natália Silva: Os médicos podiam até não dar o remédio pras grávidas, mas tinha outro grupo de profissionais que dava.

Cristião Rosas: Quem viveu essa época sabe, você chegava nas farmácias e pedia, tinha uma pletora, entendeu, de opções que os balconistas davam.

Natália Silva: Essa é a Sonia Correa de novo. A acadêmica. Tão acadêmica que ela usa palavras como *pletora*... "Pletora" quer dizer "muito de uma coisa". No caso, a "pletora" era de medicamentos que os farmacêuticos ofereciam pra mulheres que queriam "que a menstruação descesse".

Sonia Corrêa: Entendeu?

Natália Silva: O código daquele caminho número 1, que levava até a farmácia.

Em 86, o Cytotec entrou pra essa pletora. Ninguém sabe como... então eu vou fazer um exercício de imaginação aqui. E como a imaginação é minha, eu vou colocar uma mulher nessa história porque já tem muito homem.

Nossa cena imaginária se passa numa farmácia. Numa cidade brasileira qualquer, uma mulher que trabalha no balcão de uma farmácia tá ali, em 86, folheando a bula dos novos medicamentos. E ela vê que esse remédio novo pra úlcera, o Cytotec, entrava na pletora dos remédios que não eram recomendados pra grávidas.

"Hum..." ela pensa. "Que coisa". Um dia, uma outra mulher entra desesperada atrás de um remédio pra fazer a menstruação descer ... E aí a farmacêutica pensa: "Cytotec". A mulher leva o remédio e volta dali uns dias pra comprar sei lá, uma aspirina. E conta baixinho pra farmacêutica: "menina, funcionou".

Daí, pra essa informação cair no sistema secreto de comunicação dos farmacêuticos, foi um pulo. Esse sistema também é invenção minha, tá? Mas fato é que essa informação virou conhecimento público. Entre os farmacêuticos.

A Joana não era farmacêutica, mas ela tinha um amigo que era.

Joana: ele comentou de um remédio chamado Cytotec. Que ele era para quem tinha úlcera, né? E ele também era abortivo.

Natália Silva: No dia dessa conversa, a Joana nem tava grávida ainda. Mas ela lembrou do Cytotec quando ficou.

Joana: E aí eu fui conversar com ele, ele falou assim: "Não, esse medicamento se você for na farmácia, compra lá normal", né? Que eu achava que era uma coisa que tinha que ter receita.

Natália Silva: Daí a Joana foi até o balcão de uma farmácia, pediu o tal do Cytotec.

Joana: ... comprei o remédio...

Natália Silva: Comprou uma caixa, foi pra casa...

Joana: ... tomei uns 2, 3...

Natália Silva: ... tomou alguns comprimidos... e abortou.

Joana: Ah, eu me senti aliviada. Me senti, assim, andando nas nuvens.

Natália Silva: E foi por causa de várias histórias assim que o Cytotec passou de um remédio pra úlcera pra um remédio pra aborto.

Cristião Rosas: Bom, o aborto sempre existiu, né, no Brasil e sempre foi um problema grave de saúde pública, mas as mulheres usavam talo de bambu, agulhas de tricô, soluções cáusticas injetadas na vagina, no útero... Não havia plantão que a gente chegasse e não tinha uma paciente na emergência do hospital, ou indo para a UTI para fazer uma histerectomia em septicemia ou perfuração uterina, perfuração de órgãos por abortos induzidos clandestinamente, né? E inseguros, né? Então, assim, o Cytotec veio mostrar

que também produzia aborto porque as mulheres chegavam já em franco trabalho de abortamento, ou já tendo abortado. E às vezes se achava o comprimido, né, do remédio na vagina das mulheres, né?

Natália Silva: As mulheres chegavam no hospital com um processo abortivo, abortavam... e não morriam. Não perdiam o útero. Não iam parar na UTI...

Cristião Rosas: Então isso chamou a atenção, né? Eu falo que foram as mulheres brasileiras que nos ensinaram a... que o remédio tem um efeito terapêutico importante em obstetrícia, né?

Natália Silva: A ciência é feita de gente tentando responder a uma pergunta. Em 1930, o Kurzrok tava tentando responder por quê certos úteros cuspiam certos tipos de sêmen. Em 73, os cientistas do Searle queriam responder como tratar uma úlcera. E, em 86, as brasileiras tavam tentando responder...

Joana: Quê que eu vou fazer, né?

Natália Silva: Quê que eu vou fazer? Como fazer um aborto seguro? Essa pergunta também tava sendo feita por cientistas, mas ninguém tinha parado pra testar se o misoprostol era a resposta – até as mulheres brasileiras fazerem isso.

Cristião Rosas: as mulheres brasileiras que alertaram ao mundo do impacto em saúde pública na indução do aborto, na clandestinidade, não é?

Sonia Corrêa: Eu me lembro bem de ir ao IMIP, que era o Instituto Materno Infantil de Pernambuco, nessa época, né? Me lembro que uma das primeiras visitas que a gente fez pra conversar, né, sobre o tema do aborto clandestino, eu me lembro de um dos ginecologistas abrir uma geladeira e tirar uma gaveta com dez úteros retirados. Disse: "Isso tudo foram os úteros que nós retiramos aqui desde o ano passado", entendeu? Úteros destruídos, entendeu, pela infecção. Então era assim, né? Era esse o contexto quando o Cytotec chegou pra uso gástrico. E eu me lembro da gente ir conversar de novo lá no IMIP, ter

uma nova conversa com os médicos sobre a questão do aborto, os médicos que faziam a emergência, e tavam todos aliviadíssimos, né.

Natália Silva: Porque finalmente alguém descobriu uma alternativa segura pra fazer um aborto. As mulheres brasileiras descobriram.

Sonia Corrêa: Isso é no período que deve ir de 88, 89 até 1991, 92, quando o Cytotec, o caminho do Cytotec para cadeia começa a ser construído.

Natália Silva: Mas a alegria durou pouco. Nessa época em que o Cytotec ainda tava ali na prateleira como um remédio qualquer, tinham outras coisas importantes acontecendo. Coisas que iam ajudar a levar o remédio pra cadeia.

Sonia Corrêa: é, tem uma... é, de novo, uma história complicada. Complicada, assim, com muitas dimensões.

Natália Silva: Com muitas dimensões e com um novo personagem importantíssimo pra nossa história. Vem comigo que a gente vai voltar no tempo. E entrar num laboratório.

Em 82, um médico francês chamado Etienne Emile Baulieu – eu nem precisava ter dito que era francês, né? – bom, o Baulieu, que era um dos maiores especialistas em hormônios do mundo, anunciou que tinha descoberto uma nova pílula anticoncepcional, que funcionava de um jeito diferente. Ela tinha um composto que grudava no receptor de estrogênio – que é um hormônio essencial pra gravidez acontecer. Aí o receptor ficava ocupado, e o estrogênio não conseguia entrar na célula.

Por causa desse mecanismo, era como se essa pílula ficasse entre um anticoncepcional e um abortivo. O anticoncepcional impede a concepção. O abortivo encerra a gravidez. Essa pílula impedia o óvulo fecundado de grudar no útero. Então a fecundação podia acontecer, mas a gravidez não. O nome científico desse composto era mifepristona, mas na patente ficou com o nome ainda mais feio de RU-486.

Isso é em 82. O Etienne e os colegas dele passaram uns anos testando esse medicamento em ensaios clínicos e chegaram numa eficácia de 80%. Pra tentar melhorar um pouco, eles adicionaram mais uma substância. Adivinha qual?

O Baulieu testou alguns tipos de prostaglandina e o melhor resultado foi... com o misoprostol. Foi assim que o nosso herói encontrou uma dupla... Misoprostol e Mifepristona. Tipo Batman e Robin. Juntos, eles eram mais fortes. Só que essa parceria teve efeitos colaterais. Ela fez com que o Misoprostol fosse de vez pro holofote.

Locutor: Jornal do Brasil, novembro de 1988. Sinal de alerta. O misoprostol, utilizado pelo médico francês Etienne Emile Baulieu na polêmica pílula abortiva conhecida como "a pílula do mês seguinte", é o principal componente do medicamento Cytotec.

Natália Silva: Sinal de alerta. Com essa fama mundial, o Cytotec começou a chamar a atenção de quem era contra o aborto. O Cytotec e, claro, a Mifepristona, que tinha sido criada justamente pra isso. Em 88, quando essa pílula do Etienne começou a ser vendida na França, teve vários protestos de grupos religiosos contra o laboratório que tava produzindo ela. Eles ameaçaram boicotar, parar de comprar os outros remédios... aí a diretoria do laboratório ficou preocupada, fez uma votação e decidiu que ia parar de produzir a Mifepristona.

Sonia Corrêa: E foi o governo francês, né, que em nome da lei de 1975, disse "não, não, isso vai continuar no mercado e nós vamos garantir a produção da Mifepristona", tá certo? Se não tem uma intervenção do Estado francês em nome do aborto legal, a Mifepristona poderia ter tido um percurso muito complicado para voltar ao mercado, né?

Natália Silva: Essa lei de 75 que a Sônia citou é a lei que descriminalizou o aborto na França. O ministro da saúde usou ela como justificativa pra obrigar o laboratório a continuar produzindo a Mifepristona. Como o governo francês era dono de 36% do laboratório, a diretoria não teve muita escolha senão obedecer. E a Mifepristona não

parou de ser produzida na França. Já no Brasil, ela nunca nem chegou a ser vendida. Nenhum laboratório pediu autorização. Porque... por que o laboratório ia se arriscar depois de tudo isso que rolou na França? Tentar emplacar o remédio num país em que o aborto é crime e um baita tabu, realmente parecia uma péssima ideia.

Foi nessa época que começaram a acontecer os primeiros protestos contra o Cytotec aqui no Brasil. Lá pro meio de 88. Além da confusão na França, outro país também entrou em polvorosa quando Cytotec desembarcou por lá em 88: os Estados Unidos. O movimento antiaborto americano era super bem organizado, e os protestos foram tão barulhentos que repercutiram aqui.

A imprensa brasileira começou a fazer várias reportagens sobre o uso abortivo do Cytotec... o que também acabou contribuindo pra aumentar a fama do remédio. Algumas reportagens davam até o passo a passo de como usar.

Locutor: *Jornal do Commercio. Julho de 1990. O Cytotec pode ser aplicado por via oral – um ou dois comprimidos de 20mg a cada seis horas – ou colocado diretamente na vagina. Algumas mulheres abortam no primeiro comprimido. Outras precisam de vários.*

Sonia Corrêa: Enquanto isso, Cytotec tá sendo disseminado no país, né? E em 91, você tem as primeiras iniciativas de proibição.

Natália Silva: Nesses anos todos, o caminho do Cytotec até a cadeia tava sendo construído. Em 1991 aconteceu o seguinte:

Sonia Corrêa: Havia um grupo de pesquisa sobre Big Pharma...

Natália Silva: O Grupo de Prevenção ao Uso Indevido de Medicamentos, da Universidade Federal do Ceará.

Sonia Corrêa: Eles faziam pesquisas sobre efeitos colaterais, problemas éticos de pesquisa com relação a medicamentos.

Natália Silva: Esse grupo fez várias pesquisas sobre o Cytotec. E uma delas...

Sonia Corrêa: Identificou uma possível correlação entre o uso do Cytotec e a incidência de um defeito congênito...

Natália Silva: Conhecido como Síndrome de Möbius – que é um tipo raro de paralisia. E essa pesquisa...

Sonia Corrêa: Rapidamente ganhou visibilidade, tanto nacional quanto internacional...

Natália Silva: Principalmente quando ela foi publicada por uma revista científica muito importante: a Lancet.

Sonia Corrêa: além da projeção que a Lancet dá, as forças antiaborto, sobretudo americanas – que já eram hiper super organizadas nesse momento – propagaram aquilo, entendeu?

Natália Silva: Só que, até hoje, essa relação entre a síndrome de Möbius e o uso de misoprostol não foi comprovada. O consenso científico que existe sobre isso é o seguinte: se o remédio não for tomado em quantidade suficiente pra induzir o aborto, ele aumenta as chances de má formação.

Mas não tem uma relação clara de causa e efeito entre as duas coisas... é muito diferente dizer que suas chances de ser atropelado aumentam porque você tá na rua de dizer que você foi atropelado porque você tava na rua.

Anos depois, os métodos dessa pesquisa foram questionados. Ficou claro que ela não era consistente. Mas aí o estrago já tava feito.

Sonia Corrêa: E foi um juiz do Ceará o primeiro a proibir a venda do Cytotec.

Natália Silva: Além de banir o remédio, o estado do Ceará acusou o governo federal de negligência.

Sonia Corrêa: E isso rapidamente, essas coisas, né, vira um telefone sem fio, outros estados começaram a adotar, até que finalmente chegou no Ministério

da Saúde e o Ministério da Saúde adotou uma regra nacional, né? Foi, tipo, por camadas.

Natália Silva: A partir de 91, o Ministério da Saúde começou a exigir receita pra comprar o Cytotec. E assim, realmente, essa coisa de comprar remédio no Brasil era uma bagunça. Qualquer um conseguia comprar qualquer coisa na farmácia. Não tinha regulação. Não tinha Anvisa.

Só que, curiosamente, a comoção pelo controle do Cytotec foi bem maior do que o dos outros remédios. Só que a história não acabou aí, né? Porque conseguir uma receita médica é fácil. O jeito era tirar o Cytotec da prateleira da farmácia. E isso aconteceu em 1998, pouco antes de criarem a Anvisa – a Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

Cristião Rosas: O nosso país tem algumas coisas que são surpreendentes, porque o remédio, ele era registrado no mundo para uso gástrico. Para doenças gástricas.

Natália Silva: Esse é de novo o Cristião Rosas, o médico. Apesar do Cytotec ainda tá com o rótulo de remédio-para-gastrite, a gente já sabia que não era só pra isso que ele servia.

Cristião Rosas: E diante desse estigma do aborto no Brasil, diante dessa prática das mulheres em fazer os seus abortos com o uso do misoprostol, a Anvisa acabou regulamentando ele e foi o primeiro país no mundo que registrou o misoprostol com indicação obstétrica.

Natália Silva: "Com indicação obstétrica" pra abortos nos casos previstos em lei – como estupro e risco de vida materna – e também pra indução do parto. Mas na bula do remédio diz que mulheres grávidas não devem tomar sem orientação médica. Parece contraditório, tipo: é e não é recomendado pra mulheres grávidas. Depende se a grávida quer ou não quer continuar grávida.

A segunda coisa que aconteceu foi que a Secretaria de Vigilância em Saúde criou um critério de regulação de substâncias que até então não existia. E o Misoprostol foi

parar na lista "C1", de substâncias de controle especial, dessas que só são vendidas com duas vias de receita médica. Só que tem uma coisa...

Cristião Rosas: Na mesma lista está o Haloperidol, né, que é um remédio que é vendido em farmácia. Um pouco antes do nome Misoprostol, né, na letra H. E esse remédio pode dar parada cardíaca. Pode dar descompensação respiratória, morte súbita, e está na lista e vende em farmácia com receita dupla carbonada.

Natália Silva: O Misoprostol é o único remédio da lista C1 que tem restrição de uso e de venda. Ele só pode ser vendido pra hospitais, e o hospital que quiser comprar o remédio precisa fazer um cadastro na vigilância sanitária estadual. E tem várias outras burocracias que, na prática, impedem até mesmo os hospitais de terem acesso ao remédio.

Cristião Rosas: Uma vez eu vi uma publicação em que o Ministério da Saúde, o próprio Ministério da Saúde falou que 25% das 4000 maternidades dispunham do remédio. Então, mais ou menos 1000 maternidades no Brasil.

Natália Silva: E essa dificuldade de encontrar hospitais que tenham o Misoprostol não é uma coisa que afeta só as mulheres que querem ou que precisam abortar. Porque ele é um medicamento que também é usado na indução de parto. Então, a vida de todas as mulheres – de todas as pessoas que venham a engravidar um dia – fica mais difícil por causa dessas regras todas. Ou seja... na prática, as mulheres brasileiras não conseguem usar um remédio que elas mesmas ajudaram a descobrir. Hoje em dia, o Misoprostol tá na lista de remédios recomendados pela OMS para um aborto seguro, junto com a Mifepristona. Se não fossem as brasileiras, isso podia ter demorado muito mais pra acontecer.

Conversando com o Cristião e a Sonia, tudo o que eu conseguia pensar era: como a gente deixou esse remédio escapar? Olha o tempo que levou pra descobrir um jeito mais seguro de abortar. Muito mais tempo do que levou pro remédio ser mandado

pra clandestinidade. Como que a gente deixou o Cytotec – o herói que a gente descobriu – escapar assim?

Sonia Corrêa: Eu acho que o feminismo brasileiro, não só o feminismo, mas as forças médicas, todo mundo comprometido, né, os profissionais de saúde pública comprometidos com o debate sobre o aborto seguro – preferencialmente legal, mas, antes de tudo, aborto seguro – no Brasil, o que explica que a gente comeu bola, né, pra usar um termo popular, por que não pegamos esse negócio, né, na hora em que estava acontecendo, que era o final dos anos 90, onde havia muito mais condições de ter brigado e conseguido uma regulação menos draconiana do acesso ao fármaco, né? E eu, particularmente, acho que isso se deu porque não valorizamos suficientemente o potencial político – não só não só epidemiológico, mas o potencial político da tecnologia – e estávamos prestando atenção e investindo as atenções, sobretudo, no tema da regulação legal do aborto.

Natália Silva: Uma pergunta pode ter várias respostas, sem que nenhuma delas seja errada. Ali, no fim dos anos 90, a maioria das pessoas que defendiam um aborto seguro pensavam que a resposta mais certa era a lei. Uma regulação legal, como a que salvou a Mifepristona da cadeia na França.

Sonia Corrêa: Para mim, muito claramente, o potencial efeito do Cytotec, ou do aborto farmacológico, né, sobre a ampliação do acesso ao aborto foi captado muito rapidamente pelas forças antiaborto e muito rapidamente elas começaram a fazer o possível para conter, limitar, restringir, né, o acesso ao medicamento.

Natália Silva: O que as forças contrárias ao aborto sacaram foi o potencial revolucionário do Cytotec. Antes, não tinha um remédio abortivo. O Misoprostol e, depois, a Mifepristona, mudaram tudo. Deixaram o procedimento do aborto muito mais simples. E muito mais seguro também.

Sonia Corrêa: Então, eu acho, particularmente, que nós temos uma dívida com as mulheres brasileiras. Eu me sinto pessoalmente implicada. Uma dívida de

não ter dado a atenção devida, né, ao potencial e ao significado político e epidemiológico da tecnologia no seu devido momento.

Natália Silva: Eu acho muito irônico que toda essa história tenha começado com mulheres que queriam engravidar. Com um médico tentando entender como fazer uma inseminação artificial dar certo. Talvez, se a motivação inicial dele não fosse essa, tão nobre, a gente não teria nem descoberto o Cytotec. Ou demoraria muito mais... porque querer engravidar, querer ter controle sobre o próprio corpo pra ter um filho, tudo bem. Mas não querer ter um filho... aí não. E isso é uma coisa que me incomoda muito.

Quando eu nasci, em 1996, essa era do Cytotec no Brasil tava prestes a acabar. Hoje, em 2022, eu já tô naquela idade em que as pessoas se sentem confortáveis pra perguntar: "e aí, você vai ter filho?" Ou, pior: "quando você vai ter filho?" Sempre que eu falo que eu não quero ser mãe, o que eu ouço de volta é que eu sou muito nova pra decidir isso. Mas quando alguma amiga fala que quer ser mãe, ninguém estranha. Ninguém pergunta se ela pensou direito, se ela tem condições emocionais e financeiras pra isso, se um filho se encaixaria na rotina dela...

Quais são as perguntas que a gente deve ou pode fazer pras mulheres sobre maternidade? A gente tá preparado pra todas as respostas?

Branca Vianna: Natália Silva, produtora aqui da Rádio Novelo.

O episódio dessa semana do Rádio Novelo Apresenta tá chegando ao fim; obrigada por seguir com a gente até aqui. Lembra que lá no nosso site – o radionovelo.com.br – tem material extra sobre todos os episódios. Eu imagino que nessa altura você deva tá doido pra ver os prédios doidos do Antonio Virzi, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Parece um sonho de febre, um delírio.

Branca Vianna: Tá tudo lá. Aproveita a visita e já assina também a nossa newsletter, que chega toda semana no seu e-mail com novidades quentinhas aqui do Apresenta e de outros projetos da Rádio Novelo – além de recomendações que a nossa equipe prepara com carinho pra você.

Queria te pedir também pra dar uma forcinha pro Rádio Novelo Apresenta seguindo o programa no seu aplicativo de podcasts preferido, compartilhando nas redes sociais, e falando dele por aí.

Se quiser falar com a gente – repercutir o episódio, mandar história, qualquer coisa – pode mandar e-mail pro apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar a gente nas redes sociais, @radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Toda semana tem episódio novo, sempre às quintas-feiras. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. Os produtores da nossa equipe são: Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Cláudia Holanda, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. A Rachel Araújo participou da montagem, e a Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Victor Rodrigues Dias, e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Brigada, e até semana que vem.